



Divergências em torno das queimadas

Quando o avião do projeto Scar-B detectou nuvens sobre a Amazônia, os técnicos americanos e brasileiros não tiveram dúvidas: no formato e na aparência eram nuvens não de chuva, mas de fumaça. Desde agosto, quem voa sobre o Brasil Central e a área amazônica pode ver, sem muita dificuldade, essas formações provocadas por incêndios. Já em junho, o Núcleo de Monitoramento Ambiental reclamava que em 1995 tivemos, comparado com o ano passado, crescimento de 70% nos índices de queimadas no Brasil. Os que consideram que se está medindo um fato isolado, na Amazônia, devem ter presente que o diretor-técnico do Consórcio Mata Atlântica, Fredmar Corrêa, é bem mais claro em suas denúncias: nos últimos quatro meses, aumentou de forma impressionante o número de queimadas não só

na região amazônica, mas também nas florestas do litoral brasileiro.

Afinal, o que está ocorrendo? A acreditar-se em algumas fontes, após quatro anos de quedas consecutivas, em 95 os índices de queimadas voltaram a crescer no País. Essa é, por exemplo, a opinião do coordenador de pesquisas sobre queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) de São José dos Campos, que garante que este ano foi, "de longe, um dos piores anos de queimadas no Brasil". Quando se buscam outras autoridades, a situação muda de figura: o presidente do Ibama, Raul Jungmann, garante que as queimadas deste ano são apenas "um pouco superiores" às do ano passado. Segundo ele, as queimadas de agora são até mesmo "declinantes em relação a 1991". Quem tem razão?

Em 1991, forte pressão interna-

cional, acompanhada de ameaças de cortes nos financiamentos externos, obrigou o governo brasileiro a estabelecer um controle das queimadas. Controle esse tão efetivo que o Brasil passou a ser elogiado em foros ambientalistas internacionais, exatamente por ter conseguido reduzir o desmatamento em até 40%, em pouco mais de dois anos. Em 95, porém, apesar do otimismo do presidente do Ibama, parece que a situação mudou. Por quê?

Antes que se faça o costumeiro alarde que acompanha denúncias desse tipo, é preciso ter presente que o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, depois de reclamar que as denúncias de queima-

das são evidências do mais puro "ecocolonialismo do Primeiro Mundo", lembrou que ninguém fala sobre os outros ecossistemas que tanta devastação sofrem mundo afora. Tem razão. Será, porém, que o ministro do PFL, a quem o

Ibama está subordinado, acredita que qualquer erro de "rico" justifica sandice de "miserável"? Antes que se vá ainda mais longe nos desencontros, não seria melhor que o Inpe e o Ibama falassem a mesma linguagem e,

mais importante, que o governo provasse que de fato está controlando o desmatamento que se dá pelo Brasil afora, não apenas na Amazônia, mas também em São Paulo, conforme se denuncia de quando em quando?

É preciso que os órgãos oficiais se entendam para que o controle do meio ambiente possa ser eficaz